

FIGURAÇÕES DO DUPLO EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS* (1966), DE JORGE AMADO

ANA CAROLINA MORAES DA SILVA

Universidade Federal do Maranhão

carolmoraes163@gmail.com

NAIARA SALES ARAÚJO

Universidade Federal do Maranhão

naiara.sas2@gmail.com

Recibido: 5-06-2022

Aceptado: 4-05-2023



RESUMO

O duplo há muito tempo está presente na literatura, passando a ser mais recorrente a partir do século XVIII, no Romantismo. E, por estar na literatura das mais variadas formas, trazendo os mais diversos significados, o duplo proporcionou e proporciona, consequentemente, inúmeros estudos. Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo principal a realização da análise interpretativa do duplo, sob a perspectiva da literatura fantástica, na obra do escritor Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos* (1966). Como fundamentação teórica, citamos: Juan Herrero Cecília (2000), Sigmund Freud (1976), Otto Rank (1939) e Clément Rosset (2008). Das considerações finais do trabalho, destacamos a constante presença do duplo como ideia de completude por meio do personagem de Vadinho, buscando destacar o seu caráter antitético. Nesse contexto, Amado nos mostra como prevalece o duplo subjetivo, onde parte da narrativa está relacionada à questão da identidade, associado ao fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado; duplo; fantástico.

REPRESENTATIONS OF THE DOPPELGÄNGER IN DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (1966), BY JORGE AMADO

ABSTRACT

The doppelgänger has been present in literature for a long time, becoming more recurrent from the 18th century, in Romanticism. This figure was the main subject of innumerable academic works because it appears in literary texts in the most varied ways and under many different meanings. The main goal of this article is to carry out an interpretative analysis of the doppelgänger in Jorge Amado's novel *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) in the light of fantastic literature. The theoretical basis of this research are studies by Juan Herrero Cecilia (2000, 2011), Sigmund Freud (1976), Otto Rank (1939), and Clément Rosset (2008). Amidst the article's conclusions, the constant presence of the doppelgänger as an idea of completeness ensured by the character of Vadinho — whose antithetical character his emphasized — must be highlighted. In this context, Amado displays the prevalence of the subjective doppelgänger and, in this regard, part of the narrative is related to the question of identity associated with the fantastic.

KEYWORDS: Jorge Amado; doppelgänger; the fantastic.

FIGURACIONES DEL DOBLE EN DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (1966), DE JORGE AMADO

RESUMEN

El doble desde hace mucho tiempo está presente en la literatura, pasando a ser más recurrente a partir del siglo XVIII, en el Romanticismo. Y, por estar en la literatura de las más variadas formas, trayendo los más diversos significados, el doble proporcionó y proporciona, consecuentemente, innumerables estudios. Este artículo es resultado de una investigación que tuvo por objetivo principal la realización del análisis interpretativo del doble, bajo la perspectiva de la literatura fantástica, en la obra del escritor Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos* (1966). Como fundamentación teórica, citamos: Juan Herrero Cecilia (2000, 2011), Sigmund Freud (1976), Otto Rank (1939) y Clément Rosset (2008). De las consideraciones finales del trabajo, destacamos la constante presencia del doble como idea de completitud por medio del personaje de Vadinho, buscando destacar su carácter antitético. En este contexto, Amado nos muestra cómo prevalece el doble subjetivo, donde parte de la narrativa está relacionada con la cuestión de la identidad asociada con lo fantástico.

PALABRAS CLAVE: Jorge Amado; el doble; fantástico.

INTRODUÇÃO

Presente na literatura desde o Romantismo, a escrita do personagem duplo desenvolveu-se de tal maneira que tomou formas e características marcadas de representatividade: imagem desdobrada, igual em semelhança física, um eu que desdobra-se em um outro «eu» oposto, o eu que enfrenta a si mesmo no nível da consciência etc. São aspectos que enriquecem o texto literário por sua aproximação com as incertezas e dúvidas vivenciadas pelo ser humano em cada época. Dotado de abordagens diversas, além de sua abrangência de figuras sugestivas e conflitantes, o tema do duplo confronta com o que há de mais intrínseco em nós mesmos, o que de certa forma proporcionou e continua proporcionando importantes pesquisas sobre a temática.

Apresentando tantas reproduções na literatura, fantástica e gótica, o tema da dualidade não pertence unicamente a esse nicho, sua manifestação ocorre em diferentes produções (no cinema, música e teatro), porém, é na literatura que ela ganhou maior força e se estabeleceu de forma mais distintiva. Todas as suas representações buscam problematizar de forma intrínseca a questão da identidade, relacionando um «profundo sentimento de insegurança individual, social ou comunitário» (Martinho, 2016). Nesse sentido, os resultados de uma transformação social significativa, ruptura psicológica ou algum trauma emocional são fatores que promovem o surgimento do eu duplicado.

Assim sendo, a manifestação do personagem duplo pode ser representada pelo «espelho, o reflexo, a sombra, o retrato» e tendo como sequência cenas que exibem o conflito com a aparição da duplicitade: «confrontação entre o original e seu duplo, usurpação de personalidade, dúvidas sobre a verdadeira identidade e impulso para aniquilar o rival» (Silva y Leite, 2018). Em sua mais emblemática aparição, o tema dualidade lida com o ser em uma sociedade extremamente inflexível no que se refere à moral.

Em *O Médico e o Monstro* (1874), de Robert Louis Stevenson, tal dualidade resulta na «representação de personagens que encontram dificuldades em expressar seus anseios particulares. Essa obra mostra, de diferentes formas, as contradições imanentes das exigências e leis impostas pela sociedade vitoriana da época» (Amorim, 2015). Stevenson cria um personagem que está constantemente consciente da sua condição de um ser duplo, em conflito entre um comportamento sério imposto pelas camadas mais elevadas da sociedade e suas outras propensões, cujas intenções de revelar são nulas, porém, por cau-

sa da sua batalha interior, supõe-se que tais propensões às normas são incompatíveis com aquelas que vigoravam na sua época. A sua aflição atinge tal proporção que decide pela divisão, através do uso da ciência, dos seus dois eus como uma solução para o seu problema, com a condição de tornar somente um, o seu melhor. No decorrer da narrativa, a sua parte boa é dominada pela parte representada pelos vícios mundanos de instintos primitivos, vista pela personagem de Mr. Hyde. Assim, o autor revela que as repressões sofridas pelo personagem eram as mesmas ansiedades da sociedade Vitoriana, consequência da rápida evolução científica do século XIX.

De forma semelhante, embora em períodos e cenários distintos, é possível verificar a presença do duplo em *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, dentre outras obras representantes da literatura fantástica, como veremos em seguida.

Jorge Amado, conhecido pela sua escrita ousada, em diversos momentos da sua carreira como escritor, recorreu à escrita com elementos fora da expectativa do real, característica apontada como pertencente ao gênero fantástico, que busca, além de evidenciar seu aspecto fantasioso, representar uma realidade não lógica repleta de significados. O presente trabalho, desse modo, tem como objetivo central analisar o personagem duplo de Vadinho e do Dr. Teodoro, personagens de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, buscando evidenciar três configurações assumidas pelo duplo que se expressa através do personagem Vadinho.

O primeiro tema é a constante busca empreendida pelo homem por sua metade faltante, tendo como foco a personagem Dona Flor. Em seguida, abordaremos a figuração do duplo mostrando a dualidade entre Dr. Teodoro versus Vadinho, no que se refere a uma sociedade que busca esconder suas ações, apelando em obedecer aos padrões de comportamento adequados à vida em sociedade, apresentando uma dicotomia que opõe civilização versus instinto ou segurança versus liberdade. Por último, a cisão pela morte e a necessidade do surgimento de um lado desviante para cumprir seus desejos mais obscuros.

Para isso, faremos um panorama geral dos estudos do duplo apresentando as visões de Otto Rank (1939), *O duplo*; de Freud (1976), «O estranho»; de Rosset (2008), *O real e seu duplo*, além das concepções de Literatura Fantástica apresentadas por Todorov (1975) e outros críticos que se debruçaram sobre o assunto nos últimos anos.

O DUPLO NA LITERATURA FANTÁSTICA

Mesmo ocupando um lugar importante na literatura fantástica, o duplo não é reservado unicamente a esse gênero. Há poucas configurações do duplo que não estão particularmente associadas a uma eventual manifestação do fantástico. Para Martín López (2006), a confrontação do real por meio do «original» com o sobrenatural «duplicad» são dois aspectos básicos que relacionam o duplo ao fantástico despontando o questionamento acerca da percepção do homem sobre o mundo, revelando que nem sempre a razão explica a existência de tudo.

Com essa noção inicial, reiteramos que a personagem duplicada se revela das mais distintas formas e assim apresenta significações contínuas: igual aparência física, representação icônica, conexão mental, os gêmeos, superstições sobre a alma, a sombra entre outros, são as representações da duplicidade estudadas ao longo da história. Assim, destaco uma preliminar simbologia acerca do duplo na literatura segundo Marcel Brion, citada por Chevalier e Gheerbrant (2020: 413):

O romantismo alemão deu ao duplo (*Doppelganger*) «uma ressonância trágica e fatal... Ele pode ser complementar, porém mais frequentemente, é o adversário, que nos desafia ao combate... Encontrar seu duplo é, nas tradições antigas, um acontecimento nefasto, até mesmo um sinal de morte».

Com a citação retirada do dicionário de símbolos, vemos como ele conceitua e exemplifica a simbologia do duplo, destacando o surgimento do termo e sua primeira aparição com Jean Paul, um dos primeiros a abordá-lo de forma específica em sua obra *Siebenkäas* (1796). Além disso, notamos que desde sua origem, encarar um duplo significa dar de frente com algum agouro ou ato indesejável.

Ainda no âmbito das simbologias, Cunha (2009) afirma que «nenhum *duplo* surge do nada». Um duplicado origina-se de um «eu» primário que possui consciência num nível considerável do seu interior, para exteriorizar por meio de um novo ser que o copia, duplicando-o. No entanto, ainda conforme Cunha (2019), «sendo uma cópia, uma imitação desse “eu”, ele não é exatamente o eu». Tal ideia deixa de ser confundida com o «eu», já que no momento em que é concebido, alcança uma independência e dispõe de imediato de uma «outra essência», representada por sua existência. Porém esta exibe um diferencial em relação ao «eu» original, que então passa a revelar-se como o *Outro*. Eis uma outra percepção acerca do significado do duplo:

que se traduz por «duplo», «segundo eu». Significa literalmente «aquele que caminha do lado», «companheiro de estrada». Endossamos a definição dada pelo próprio Richter: «assim designamos as pessoas que se vêm a si mesmas». O que daí se deduz é que se trata, em primeiro lugar, de uma experiência de subjetividade. (Bravo, 2005: 261)

Na literatura fantástica, a presença do duplo tornou-se um tema de bastante visibilidade ao longo dos tempos, já que sua abordagem compõe a literatura numa perspectiva universal. Percebemos tal assertiva a partir de obras de autores de grande notoriedade no ambiente literário, como: Edgar Allan Poe, Dostoievski, José Saramago, Oscar Wilde e também no território brasileiro com o célebre Machado de Assis, que não só recorreu a tal tema, como também compartilhou suas mais profundas concepções sobre o gênero fantástico.

No território brasileiro, aos poucos outros também foram os escritores que discorreram timidamente sobre o tema: Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Lúcio Cardoso entre outros e que nas últimas décadas ganharam destaque pela subjetividade do assunto e contribuições com a descoberta de outras representações do duplo. Desde a sombra, o espelho ou mesmo a duplicata corpórea do eu, conseguimos perceber que tais representações no cenário da literatura brasileira abordam os novos e diferentes distúrbios vivenciados pelas personagens numa perspectiva carregada de interpretações.

Assim, de uma forma física ou psicológica, a personagem duplicada pode se manifestar sob uma única configuração que aparece refletido num outro que combina de modo oposto ao original. Isso posto, para além do caráter antagônico, encontra-se da mesma forma um perceptível senso de identidade por meio desses opostos, detalhes recorrentes que os ligam à volta de objetivos em comum. Entre os traços documentados pelo duplo, a característica antitética é a mais precisa na narrativa, lapidada por configurações como a do «belo/horrível, do bem/mal, do racional/selvagem, do equilibrado/louco, do casto/depravado», contando também com mais formas de apresentação:

Variam as formas de representação do duplo: temos personagens que, além de semelhantes fisicamente (ou iguais), têm sua relação acentuada por processos mentais que saltam de um para o outro (telepatia), de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou o sujeito identifica-se de tal modo com outra pessoa que fica em dúvida sobre

quem é o seu eu (...). Ou há o retorno ou repetição das mesmas características, das mesmas vicissitudes e dos mesmos nomes através de gerações (...) ou ainda, 733 um mesmo eu desdobra-se em pessoas distintas e opostas. (Rodrigues, 1988: 44)

As diferentes facetas assumidas pelo duplo concede a dubiedade pelo lado oposto, gerando um cenário repleto de acontecimentos que concebe ao enredo um desfecho profundo e instigante, quando bem desenvolvidos. Percebemos, então, com esse texto, uma estrutura complexa, na qual fica perceptível quais princípios humanos têm potencial abertura para debate.

Otto Rank (1939), psicanalista e escritor austríaco, discorre que a exploração da sombra, do reflexo, do quadro é um episódio inconsciente que resulta da formação de folclore, histórias de magia, superstições, antigos costumes religiosos e demais tradições. Nesse ponto, o autor desponta um dos seus processos de interpretação assumindo que uma das manifestações do *alter ego*, ou duplo, nas suas recorrentes narrativas «era a da alma viajante que saía do corpo do adormecido, assumindo o aspecto animal ou de uma sombra» (Rank, 1939: 149). Além disso, também chegou a precisar um vínculo entre a imagem do duplo e o diabo, no qual «duplo sob a forma do diabo funciona como um “eu oposto” e representa o lado mortal». Ademais, esclarece as representações das figuras do duplo associando as disfunções psíquicas e aflições existenciais dos escritores em si.

Também nessa tessitura, Sigmund Freud trata o tema de modo diferente, ou seja, distante da linha voltada para interpretação de lendas e mitos, esmiuçado por Rank, porém não perdendo sua credibilidade e contribuindo de forma significativa sobre a temática. Assim, estudado de forma mais exclusiva em seu ensaio *Unheimlich* (1919), «O estranho», título que ficou traduzido em português teve como fonte de estudo o conto o *Homem de Areia* (1817), de E.T.A. Hoffmann onde ocorre a exposição do duplo.

Quanto ao fenômeno específico do duplo, Freud afirma:

Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens pelo que chamaríamos telepatia —, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu self. (Freud, 1976: 292)

Para Freud (1976), o «estranho» acontece em decorrência de um certo acontecimento isolado que nos abala porque ativa tensões e aversões que presenciamos quando criança e que estão contidos e latentes em nosso inconsciente, mesmo quando achávamos livres de tais memórias. Desse modo, no momento em que nos defrontamos com um episódio «estranho» decorre a inquietação de nossa consciência e acepção do real que se transformam uma vez que recordamos a sensação. O ser humano confiava ter total controle de si, sem julgar que seus atos estariam conectados ao seu inconsciente.

O pesquisador Carl Francis Keppler e apresenta sete representações do duplo são: o perseguidor, o gêmeo, o (a) bem-amado (a), o tentador, a visão de horror, o salvador e o duplo no tempo (1970: 55). O *duplo* não é necessariamente mal, ele também pode se inclinar para o lado protetor agindo como um guarda costas ou salvador. No caso do duplo bem-amado, há uma atração mútua, contudo suas características opostas geram a desestabilidade das ações, como veremos mais à frente.

Na literatura brasileiro, muitos autores se aventuraram em narrativas que envolvem sobrenatural, dúvida e angústia. Este é o caso de Jorge Amado, notável romancista da segunda metade do século xx, que frequentemente recorre a narrativas insólitas para a composição de seus textos. Neste estudo, traçaremos algumas considerações sobre a incidência do fantástico na sua obra, analisando principalmente a questão do duplo, que aparece de forma subjetiva e que é tema recorrente na literatura fantástica.

O DUPLO EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*: UMA ANÁLISE POSSÍVEL

A obra *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, narra as aventuras e desventuras de Dona Flor, mulher simples e pragmática, que experiencia um fenômeno sobrenatural com o seu falecido esposo, após um ano de casamento com o Dr. Teodoro. Carregado de eventos insólitos, parece que esse fenômeno aponta para a banalização do absurdo na sociedade da época. A escolha dessa narrativa se baseou, principalmente, na correlação verificada entre o duplo e o fantástico, já que o fenômeno da duplicitade aparece nesse texto como uma forma de manifestação do sobrenatural. Soma-se a isso a vinculação também observada entre a experiência da duplicação e o confronto com a morte.

Na obra, Jorge Amado torna visível as fronteiras entre o romance, a comédia, a poesia, o suspense diluindo os contornos e as definições de gênero.

A morte de Vadinho, fantasiado de baiana, em pleno desfile de Carnaval, dá início à primeira parte da narrativa. A descrição de seus últimos momentos de folia juntamente com o relato de amigos de farra, amantes, conhecidos e a lembranças de Dona Flor, no momento do funeral, já evidencia ao leitor a persona de um marido infiel, espertalhão, malandro, cheio de lábia, malicioso, trapaceiro e que gostava de jogar, mas ainda sim uma pessoa extremamente adorável, nas palavras de Dona Flor.

A conturbada narração da primeira parte, na qual é descrito o passado sórdido de Vadinho, é suavizada logo a seguir, já na segunda parte, onde temos um longo período de luto de Dona Flor. Atormentada pelas lembranças do falecido, a jovem mulher resgata com melancolia seus primeiros encontros com Vadinho, auto intitulado então como Dr. Waldomiro dos Santos, sério, trabalhador, à espera de uma posição na «firma» em que trabalha, mas que aos poucos, após contraírem matrimônio, revela o seu verdadeiro caráter.

Nesse ínterim, sua mãe, Dona Rozilda, a única satisfeita com o falecimento do Vadinho, aparece para opinar e intrometer-se nos assuntos de Dona Flor, que após descobrir o real caráter do genro, não foi a favor da continuidade do casamento da filha. Diante desse cenário, Dona Flor é cortejada e aclamada por Eduardo, homem reservado, que nada mais é do que um picareta que se aproveita de viúvas para roubar suas economias. Logo, aparece o Dr. Teodoro Madureira, respeitador e bem-sucedido, que por ter uma mãe doente, dedicou a sua vida para cuidar dela. Encerra-se então a terceira parte da história, com um simplório casamento entre os dois.

A quarta parte é dedicada à lua-de-mel do casal e à convivência do dia a dia. Dona Flor percebe gradativamente como o Dr. Teodoro é diferente de seu falecido marido em tudo. Teodoro é o marido perfeito, e restaura a paz da vida de flor. Homem regular, cerimonioso, formado, sério em ações e intenções. Se na união com Vadinho tudo podia ser misturado e ambíguo, com o Dr. Teodoro a união é muito bem definida e mais igualitária. Nesta passagem do livro o autor intervém para dizer ao leitor que a vida acabou por transformar-se em uma rotina. Dona Flor se isola novamente porque começa a pensar em Vadinho e a deseja-lo.

Na sequência, ela começa a ver Vadinho nu em cima de sua cama, tentando-a. No início ela recusa, por querer ser fiel a Teodoro, mas depois começa a procurar por Vadinho. Os três começam a viver então no mesmo matrimônio, onde apenas Flor consegue enxergar Vadinho, que está sempre presente. Após alguns jogos da discórdia, protagonizados por Dona Rozilda, Dona Flor por fim sucumbe ao desejo e os três passam a viver harmoniosamente uma

vida conjugal, sem que Teodoro saiba da presença do outro, sempre pelado. A última cena da obra é Dona Flor andando feliz, segurando a mão de Teodoro de um lado e a de Vadinho do outro.

A primeira parte da obra narra a morte de Vadinho e a seguinte narrativa de suas memórias sobre sua vida no passado. O início do primeiro parágrafo contém informações sobre as condições de vida de Vadinho, seu estilo de vida boêmio e trapaceiro, como ele se sentia e como conheceu Dona Flor. Esse início de parágrafo tem um tom de comédia e atrai a atenção para a não linearidade de pensamento de Dona Flor e Vadinho.

A presença do duplo em *Dona Flor e seus dois maridos* aparece de forma subjetiva, com cenas e símbolos quase imperceptíveis, mas cheia de interpretações. A presença da dualidade se dá através da aparição de Vadinho após a sua morte, ocorrida do jeito que melhor representa o personagem, no festejo de domingo de carnaval. O duplo aparece como forma de suprir as necessidades de Dona flor no que concerne à completude do matrimônio. Assim, inevitavelmente a obra toca em questões da natureza humana não comumente reveladas, trazendo à tona a dualidade entre a castidade e a depravação.

Vadinho era constantemente lembrado pelo seu jeito malandro, trapaceiro e mulherengo. A descrição feita do personagem parece reflexo do seu constante estado de espírito «Gabava-se Vadinho de jamais ter estado doente e de ser capaz de atravessar oito dias e oito noites sem dormir, jogando e bebendo ou na farra com mulheres. E por vezes passava realmente oito dias sem aparecer em casa.» (Amado, 2020: 26) Em certo momento, fica perceptível com a repetição do verbo «vadiar», que nesse contexto parece uma extensão do seu apelido Vadinho:

A esperá-lo durante sete anos, uma vida. Dona Flor chorou muitas lágrimas naqueles anos, *vadiou* também muita *vadiação*; (...) Amoroso, no leito a *vadiar*. A *vadiar* antes de dormir, ainda cedo, e nos dias certos de *vadiação* (...). Como era é que não podia ser: *Vadinho* sem hora de chegar, dormindo freqüentemente na rua, com certeza no leito das *vagabundas*, de antigos e renovados xodós; querendo *vadiar* e *vadiando* em horas tardias e as mais absurdas, em qualquer dia sem determinação, sem relógio nem almanaque. (Amado, 2020: 128)

A preferência pelo apelido Vadinho é contestada antes do início da narrativa, numa parte denominada «intervalo», no qual um poeta chora a morte de Vadinho, questionando os princípios e valores do personagem: «Elegia à definitiva morte de Waldomiro dos Santos Guimarães, Vadinho para as putas e os amigos?» (Amado, 2020: 40). O não uso do seu nome real, ao longo da

história, dá a entender que trata-se de uma pessoa diferente, como se vê numa curta passagem, onde o personagem se autodeclara Dr. Waldomiro, uma outra persona, para conquistar a Dona Flor:

—O major não lhe apresentou?

—Não. Eu estava lá dentro, não vi quando ele chegou.

—Pois, estimada senhora, tenho o prazer de lhe informar. Trata-se do doutor Waldomiro Guimarães, sobrinho do doutor Árton Guimarães, delegado auxiliar, neto do senador...

—Não me diga que é do senador Guimarães, esse tão falado...

—Desse mesmo, minha distinta. O mandachuva, o bamba, o bambambã, o deus-menino da política, esse mesmo, meu padrinho...

—Seu padrinho?

—De crisma. E avô de Vadinho...

—Vadinho?

—É o apelido dele, de menino. É o neto preferido do senador.

—É estudante?

—Não já lhe disse que é doutor? Formado, minha senhora, advogado. Oficial-de-gabinete do governador, alto funcionário municipal, fiscal...

—Fiscal do consumo? — aquela informação excedia os sonhos mais temerários de Dona Rozilda. (...) (Amado, 2020: 40)

Na descrição acima, o leitor se depara com um duplo de Vadinho, próximo ao que o pesquisador Keppler chama de «bem amado» ou «salvador», dois dos sete tipos de duplo apresentados na obra *The literature of the second self* (1970). Este eu de Vadinho é também o mais desejado por Dona Flor:

Ela o queria vindo do emprego para casa, os jornais sob o braço, um embrulho de biscoitos ou cocadas, de abarás e acarajés. Jantando na hora exata como os outros, saindo em certas noites com ela, a passeio, de braço dado, gozando a brisa e a lua. (Amado, 2020: 128)

A morte foi caminho apresentado para o emergir do outro Vadinho: «Flor dirigiu-se ao cemitério ... como se ali encontrasse alívio e calma. Foi um de seus dias mais tranquilos em todo o confuso tempo de viudez, sentindo-se ela apenas triste, com saudade do falecido» (Amado, 2020: 253). Percebe-se aqui a existência de um ser capaz de transformar a tempestade e dor em calamidade e consolação.

Tudo muda quando ela se casa com Dr. Teodoro Madureira, farmacêutico que conhecia Dona Flor pelas suas andanças no bairro, «confessou a Dona Flor, com certo acanhamento risonho, admirá-la de há muito, de antes da viu-

vez; do pequeno laboratório nos fundos da farmácia ele a via cruzar o largo, seguindo seus passos pelo Cabeça, com absorta mirada.» (Amado, 2020: 255) Vale observar que há tempos Dona Flor estava sendo cortejada, mas nenhum dos pretendentes a interessava.

O Dr. Teodoro parece ser o oposto de Vadinho, «muitas pretendentes surgiram a rondar o fagote do moço farmacêutico, mas ele, sério e incapaz de roubar tempo a moça casadoira, a nenhuma deu trela ou esperança.» (Amado, 2020: 267) Tal fato se deve a sua promessa enquanto jovem de cuidar de sua mãe doente. Casaram-se e Dona Flor teve assim a segunda cerimônia com «tudo quanto faltou ao primeiro, inclusive foi puxado a convite impresso, com notícia na coluna de «Sociais» de «A Tarde». Logo, na lua-de-mel, Dona Flor sentia-se angustiada e extremamente só, tinha medo de transparecer sua atual situação. Mesmo assim, sentia a necessidade de estar com alguém.

Dona Flor de novo constatou como igualmente a ele faltava intrepidez para ser bruto e louco, para romper o muro a separá-los. Tamanho homem de saber tamanho e não sabia como tomá-la e possuí-la. Quanto a ela, ah!, Teodoro, por mais deseje, não lhe compete a mínima iniciativa. Já quase ultrapassara os limites do devido, pois de direito não pode a esposa oferecer-se à excitação de seu esposo sem passar por sem-vergonha, por concorrente de mulher da vida, por descarada. Compete ao marido, meu Teodoro. (Amado, 2020: 286)

No segundo matrimônio, fica evidente como Dona Flor alcançou o que jamais conseguiu no primeiro casamento: estabilidade, paz, fidelidade, confiança etc. Porém se vê infeliz em outro aspecto: o carnal, que seu falecido esposo lhe proporcionava. Outro ponto é digno de destaque: o título de doutor é demarcado constantemente, sempre que o narrador fala sobre ele, assim como quando os personagens e até Dona Flor se dirige a ele, o que nos faz perceber o caráter ambíguo entre Vadinho (homem de farra) e Teodoro (homem educado).

Eis o pensamento de Dr. Teodoro na noite de núpcias cuja mentalidade está voltada para a repressão das suas vontades enquanto marido:

A seu lado, na janela, tendo-a contra o peito, pensa dr. Teodoro em como agir para não magoá-la, não feri-la por indecente ou chulo. Cuidado, Teodoro, não te afobes nem te apresses, por imprudência és capaz de pôr tudo a perder; podes lhe dar, a esta criatura tão direita, um choque do qual jamais ela se refaça. Não confundas, na cama, tua esposa com mulher da vida, com despudorada marafona; com meretriz paga para a satisfação do homem, para o vício, de quem se abusa e com quem se pode agir sem levar em conta a compostura e o

pundonor. Para a luxúria existem as raparigas e seu triste ofício. As esposas são reservadas para o amor. E o amor, tu o sabes, Teodoro, é feito de mil coisas diferentes e importantes. Inclusive de desejo, mas de um desejo tão do espírito quanto da matéria; cuidado em não o tornar sórdido e obsceno. Esposa exige prudência, sobretudo no trato de coisas de tal delicadeza, e a noite de núpcias é sempre decisivo ponto de partida para uma vida feliz ou infeliz. Ainda mais quando a esposa teve a amarga experiência de um primeiro matrimônio desastroso. (Amado, 2020: 284)

Percebe-se, com a citação acima, como o Dr. Teodoro revela-se o oposto de Vadinho. Suas concepções em relação ao ato sexual revelam o pensamento social carregado de conceitos e preconceitos estabelecidos pela moral social. Tendo o leitor, o conhecimento das necessidades de Dona Flor e a oposição entre os dois maridos, o duplo surge como uma ser capaz de estabelecer a ordem matrimonial, embora por vezes, em formato de caos. Nessa perspectiva, a pesquisadora Rebeca Martín López (2006) comenta que a função extra para o duplo na narrativa fantástica é de desmascarar o ser em seu aspecto moral e social.

Assim, após uma celebração do primeiro ano de casados, Vadinho aparece na alcova de Dona Flor, evidenciando um acontecimento fantástico:

No leito de ferro, nu (...) estava Vadinho deitado, a la godaça, e sorrindo lhe acenou com a mão. Sorriu-lhe em resposta, Dona Flor. Quem pode resistir à graça do pedido, àquela face de moceneta e de cinismo...? Nem uma santa da igreja, quanto mais ela, Dona Flor, simples criatura.

—Meu bem... — aquela voz querida, de preguiça lenta.

—Por que veio logo hoje? — perguntou Flor.

—Porque você me chamou. E hoje me chamou tanto que eu vim... — como se dissesse ter sido o seu apelo insistente e intenso, a ponto de fundir os limites do possível e do impossível

—Pois estou eu aqui, um bem, cheguei indagorinha... (Amado, 2020: 293)

Na narrativa, Amado deixa claro a predisposição de Vadinho em cometer atos imorais e inaceitáveis pela sociedade, algo inconcebível à posição que o doutor ocupa. Ao que parece, essas ações aparentam ser vãs impulsos, reprimidos durante toda a vida pela coerção social, que impulsiona a seguir padrões de comportamento adequados à vida em sociedade.

Na narrativa, Vadinho e Dr. Teodoro passam a dividir o mesmo espaço vivendo de malabarismos entre agir conforme a razão e o instinto. A luta entre a moral social e o desejo carnal. Com a convivência diária somente com uma das partes, a casta, surge a sua outra metade, a depravada, para que o casa-

mento possa prosperar conforme prevê os bons costumes. O elemento duplo que não pode ser visto, nem compreendido, permite a Dona Flor agir de acordo com suas necessidades próprias.

De certa forma, o duplo restabelece a ordem na vida de Dona Flor. O autor evidencia que o retorno de Vadinho ao mundo dos vivos não alterou sua conduta. O que se esperava, na condição de morto, era que alcançasse a salvação e o livramento das culpas. Porém, «a consciência que está morto e, portanto, isento das censuras dos vivos, tendo sua “volta” percebida apenas por Flor, sentia-se livre para pensar e agir como antes, tanto que se considerava, também, marido de Flor» (Melo, 2014: 182). Assim, decidiu permanecer no plano dos vivos e envolver-se de forma ativa na rotina de Flor, dando-se o direito de alfinetar e fazer chacota ao referir-se a Teodoro, reafirmando que os dois (ele e Flor) estão casados.

—Me deixa dormir, cheguei faz pouco.
—Tu não pode dormir na sala
—O que é que tu tem?
—Já te disse, fico sem jeito.
(...)
—Tá bom, tola. Vou para o quarto. O meu colega já saiu?
—Colega?
—O teu doutor... Não somos os dois casados contigo, meu bem.
(Amado, 2020: 301)

Vale destacar que nem sempre Vadinho estava junto de Dona Flor e tal fenômeno a deixava perguntando sobre seu paradeiro. Vadinho continuava nas ruas, assim como antes, porém manipulando as mesas de jogo, favorecendo velhos amigos, levando Pellanchi Moulas, rei do jogo em Salvador, ao desespero e a todos os «místicos» da Bahia para se livrar do azar. Vadinho só para quando seus amigos cansam [Mirandão, companheiro seu quando era vivo, para de jogar definitivamente, assustado com o repetir de vezes que caía no 17, número de sorte de Vadinho].

O que aconteceu, no caso de Dona Flor, não foi a recusa do ambíguo, mas a busca e a aceitação plenamente conscientes de dois homens diferentes e, com eles, formar um triângulo amoroso perfeito: o que ela não tinha em um, encontrava no outro, alcançando uma completude matrimonial. Até o final da narrativa, Flor passou a conviver com os «dois maridos» nesse nível de existência ficcional fantástica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, notamos como a manifestação do duplo é apresentada na literatura há gerações, saindo desde os textos escritos para as produções cinematográficas. Percebemos também como ele adquiriu diferentes formas e significados em variados contextos. Além disso, vimos que a teoria do duplo apresenta alguns aspectos que funcionam como marcadores, e tais características não figuram em um gênero literário específico, estando presente na literatura de horror, do maravilhoso, do estranho e não raramente do fantástico.

Por estar na literatura das mais diversas formas, trazendo os mais variados significados, o duplo proporcionou e proporciona, consequentemente, estudos de considerável relevância. No decorrer do trabalho destacamos alguns deles, que serviram de apoio para assimilar o tema de forma mais proveitosa e contribuir para a análise da obra. Observando que para algumas análises nos amparamos com estudos da psicanálise, buscamos desvendar o confronto que há em nós mesmos na busca de descobrir nossa identidade.

Nesse sentido, com a análise do duplo em *Dona Flor e seus dois marido*, consideramos a imagem de Vadinho e sua busca incessante pela sua metade faltante; além de destacar o aspecto antitético (bem/mal, pacato/lascivo, etc) dos personagens, considerando o comportamento e reflexões de Vadinho e Dr. Teodoro dentro de uma sociedade que busca seguir certos preceitos exigidos para uma aceitação social; e, por último e não menos importante, vimos como ocorre o surgimento desse outro eu: através da morte.

O objetivo deste trabalho foi o de verificar os mecanismos de construção do duplo, relacionando a idealização de uma identidade e a aceitação social presente na obra *Dona Flor e seus dois maridos*. A teoria do duplo, proposta por Sigmund Freud, Otto Rank e Clément Rosset, possibilitou examinar como os desdobramentos de personalidade, de espaço e de tempo atuam na constituição da identidade do homem no seu vínculo com o sistema social em que está inserido.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge (2020): *Dona Flor e seus dois maridos*. Livraria Martins Editora, Rio de Janeiro.
- AMORIM, Suelen Marcellino Izidio de (2015): *O duplo na perspectiva da literatura fantástica nos contos de Cristina Fernández Cubas*, UNESP, São Paulo. [Dissertação de mestrado]

- BRAVO, Nicole (2005): «Duplo», in Pierre Brunel (dir.), *Dicionário de mitos literários*, trad. Calos Sussekkind et al., José Olympio, Rio de Janeiro, p. 261-287.
- CHEVALIER, Jean-Claude, e Alain GHEERBRANT (2020): *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, José Olympio, Rio de Janeiro.
- COUTINHO SOBRINHO, Onivaldo Ferreira, e Naiara Sales ARAUJO (2018): «Manifestação do insólito através do duplo no conto “O duplo”, de Coelho Neto», *Revista de Letras - Juçara*, v. 2, n. 1, p. 178-188. <<https://doi.org/10.18817/rlj.v2i1.1547>>
- CUNHA, Carla (2009): «Duplo», en Carlos Ceia (coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/duplo.htm>> [10-11-2021].
- FREUD, Sigmund (1976): *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*, trad. Jayme Salomão, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- HERRERO CECILIA, Juan (2000): *Estética y pragmática del relato fantástico: las estrategias narrativas y la cooperación interpretativa del lector*, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca.
- KEPPLER, Carl Francis (1970): *The literature of the second self*, The University of Arizona Press, Arizona.
- MARTÍN LÓPEZ, Rebeca (2006): *Las manifestaciones del doble en La narrativa breve española contemporánea*, Departamento de Filología Española, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona. [Tese de Doutorado]
- MARTINHO, Cristina (2006): *Articulações do duplo na Literatura Fantástica do século XIX*, disponível em <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-04.html>> [10-11-2021]
- MELO, Marilene Carlos do Vale (2014): «A Incidência do Fantástico em A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água e Dona Flor e Seus Dois Maridos», en Sudha Swarnakar, Ediliane Lopes Leite de Figueiredo e Patricia Gomes Germano (orgs.), *Nova leitura crítica de Jorge Amado*, EDUEPB, Campina Grande, pp. 164-186, disponível em <<https://books.scielo.org/id/2yqzj>> [10-11-2021]
- RANK, Otto (1939): *O duplo*, trad. Mary B. Lee, Coeditora Basílica, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Selma Calasans (1988): *O fantástico*, Ática, São Paulo.
- ROSSET, Clement (2008): *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*, trad. José Thomaz Brum, José Olympio, Rio de Janeiro.
- SILVA, Antonia Marly Moura da, e Francisco Edson Gonçalves LEITE (2018): «Sob o domínio do duplo: um estudo comparativo de dois contos de Ignácio de Loyola Brandão», *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 54, p. 297-318.
- TODOROV, Tzvetan (1975): *Introdução à literatura fantástica*, trad. Maria Clara Corra Castello, Perspectiva, São Paulo.